



casadesarmiento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

MATERIAIS PARA A ARQUEOLOGIA DO CONCELHO DE GUIMARÃES.

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1898 | Número: 15

Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 15 (4) Out.-Dez. 1898, p. 152-167.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

MATERIAES

PARA A

ARCHEOLOGIA DO CONCELHO DE GUIMARÃES

(Continuado da pag. 106)

Silvares. — Mal se deixa a freguezia do Paraiso e se entra na de Silvares pelo logar da Barreira, encontram-se dois penedos, quasi na mesma linha, qual d'elles mais afamado pelos mysterios que encerram. São o «Penedo da côrte do lobo» e o «Penedo fundido». O segundo, cuja denominação, diga-se de passagem, incluiria outro mysterio, se não incluísse apenas uma deturpação manifesta ¹, tinha sido visitado, pouco antes de eu o conhecer (em 1888), por alguns cyprianistas, que, como quasi sempre, perderam o seu tempo a escavar em volta d'elle. Eu já disse em algures que, no meu entender, o achado casual de algumas vasilhas, de alguns objectos de metal, de moedas, emfim do espolio de algumas sepulturas abrigadas pelas abas d'um penedo, ou mesmo dentro d'elle (sepulturas cavadas em fragas), foram a causa real das lendas de thesou-

¹ Uma fenda estreita, mas profunda, que n'elle se nota, tira o trabalho de pensar na extravagancia da sua fusão, e claramente mostra que a denominação correcta ha de ser: «penedo fendido». De certo, porém, não foi a fenda, mas algumas velharias, achadas perto, ou debaixo d'elle, que lhe deram fama; porque a pouca distancia vê-se outro penedo com uma fenda quasi igual, que nunca attrahiu a attenção de ninguem.

ros mouriscos, que celebrisam estas molles de granito. No «Penedo da côrte do lobo» encontrei a confirmação d'esta conjectura. Quando a primeira vez passei por elle, uma parte do penedo estava reduzido a estilhaços, que o montante ainda não havia removido de todo, e aqui e allí, por entre elles, achei uns poucos de cacos com a ornamentação mais característica de Sabroso, certamente fragmentos de urnas cinerarias de respeitavel antiguidade. Forcejei por colher informações mais miúdas ácerca d'aquellas reliquias e do penedo escalavrado; mas, apesar de ter a fortuna de topar com o seu dono, não adiantei grande coisa. Aos cacos não déra elle importancia nenhuma; comprehendendo, porém, pelas minhas perguntas que não tinham pouca, cahiu em si e confessou-me o seu arrependimento por ter dado a um pedreiro licença de destruir aquelle penedo (soube então que se chamava «Côrte do lobo»), que era por estes sitios um dos mais reputados como escondrijo de preciosidades. Foi elle tambem que me mostrou o «Penedo fundido», que se via a alguma distancia, para o lado do poente, contando-me o caso dos fura-theouros, que, ainda não havia muito tempo, tinham andado a esfossar em torno d'elle. De resto, terminava o homem, riquezas escondidas não faltam por estes logares. Mas, dizendo isto, era para a banda do «Monte da Santa» que elle voltava os olhos, como a fonte nativa deste Pactolo subterraneo, sem deixar ainda assim de mencionar a «Lapa de Corrêlos», que ficava na direcção opposta.

A «Lapa de Corrêlos» era já do meu conhecimento. Vindo a proposito fazer a descripção d'uma anta, em palestra com alguns amigos, um d'elles rompeu a dizer que, a regular-se pela minha descripção, podia jurar ter visto no monte do Marouço mais d'uma duzia de antas; a «Lapa de Corrêlos», asseverava outro, tambem não podia ser senão uma anta. Não tardei muito em visitar a Lapa, com uma curiosidade facil de conceber; mas achei-lhe o sitio; tinha sido destruida, ha pouco tempo, com grande desgosto d'um velho aldeão, que me dizia não poder comprehender como houvesse alma de dar cabo d'uma coisa que era «o título» d'aquelle logar. Ainda ha, mesmo nas aldeias, alguns fanaticos que perdem o tempo a maldizer da legião dos demolidores. Acabemos a historia da Lapa. Ouvindo o aldeão e depois outros informadores da mesma plana, que em regra são os melhores, fiquei concluindo com elles que a «Lapa de Corrêlos» fôra allí «posta pela mão de Deus». Pela pintura que d'ella me fizeram, devia ser,

mas em ponto muito maior, alguma coisa como a « casinha » do « monte da Senhora do Monte », de que atraz fallei, — um grupo de grandes penedos, formando uma larga furna ¹. É, porém, mais que provavel que a furna tivesse sido aproveitada para sepultura, e que alguns objectos de uso desconhecido, encontrados n'ella, lhe creassem a reputação de ter abrigado valiosos thesouros. Alguns fragmentos de louça, mas todos insignificantes, vi eu no pequeno planalto, onde existiu a Lapa, e que é um dos pontos mais elevados da freguezia de Silvaes.

Quem d'ahi segue para norte tem de descer sempre até á egreja parochial, e pela encosta pôde ir apanhando aqui e alli fragmentos de telha com rebordo. Em volta da egreja apparecem então em grande quantidade.

A poente da egreja, ao esmoutar um terreno, que péga com o bravio, foi, ha annos ², encontrado um « forno de tijolo » por um trabalhador, que teve artes de esconder o achado tanto dos companheiros, como do « patrão », com o intuito pouco limpo de apropriar-se do thesouro, que imaginou lá dentro. Estes felizes velhacos costumam apparecer sempre ricos; mas d'esta vez não aconteceu assim: dentro só havia terra e mais nada. Pelo que parece, o « forno » era uma caixa sepulchral, formada por grandes telhas, como a da Fornalha e outras. Algumas d'estas telhas estão, estavam pelo menos, quando me contaram o facto, na casa de Mouril.

Já disse que desde a egreja até quasi o alto, que lhe fica proximo, não é raro encontrar cacos de telha romana; mas nenhuns signaes achei que me auctorisassem a afirmar, nem mesmo a suspeitar, a existencia de algum logar de abrigo, que dominasse o valle visinho. Não admiraria, porém, que um investigador mais feliz descobrisse o que me passou desapercibido.

Além das antigualhas, que deixo mencionadas, não conheço outras em Silvaes, a não ser, a poente da egreja, mas

¹ Quanto ás antas do monte Marouço, lembro-me d'ellas muito bem pelo sol ardente que por lá apanhei e pela desillusão que trouxe. Nada. A unica coisa que registei foi a etymologia, que o meu guia dava do nome de Morouço (era assim que elle o pronunciava). Morouço queria dizer: « *mouro ouço*, ouço o mouro ».

² Esta noticia foi-me dada em 1838, como as outras que se seguem.

bastante distante d'ella, no meio d'um caminho de carro, um penedo semi-espherico, onde vi uma gravura, identica a outra que ha na Citania n'uma pedra avulsa — uma cruz inscripta n'um circulo — e que parece aos entendidos, como Mortillet, uma velha figura symbolica, muito anterior ao christianismo ¹. No cimo do penedo vê-se hoje cravado um cruzeiro, com a esculptura d'um Senhor crucificado, conhecido pela denominação pouco vulgar de « Senhor dos Trigos » ². Este consorcio de coisas tão oppostas suscitou-me uma duvida: proviria ella d'um puro acaso? ou o cruzeiro tinha vindo occupar aquelle sitio com o fim de christianisar um monumento pagão, a que eram ligadas superstições tenazes, que se tornava necessario destruir? N'este ultimo caso, o cruzeiro actual deve ter já substituido outro muito mais antigo; porque, supposto eu não pudesse ter lido bem uma data que está insculpada na parte superior do fuste, onde se crava o pé da cruz, pareceu-me que ella não podia exceder o seculo xvi. Seja como fôr, certo é que mesmo o Senhor dos Trigos pertence já ao passado; teve uma época de esplendor, seguida d'uma tal decadencia, que está hoje quasi tão esquecido, como a gravura pagã do seu pedestal. « D'antes — dizia-me, com certa amargura misturada de desdem, o octogeuario de Silvares, a que por mais d'uma vez me tenho referido — fazia-se-lhe uma grande festa; ha annos, ainda se quiz renoval-a, mas eu logo disse que não ia a galheiro e assim aconteceu ». A explicação do caso talvez se encontre n'um verso muito conhecido de Lucrecio; desde que a cultura do trigo começou a extinguir-se na frequencia, como em quasi todo o Minho, foi-se extinguindo igualmente a devoção ao protector d'um cereal, que se não semeava.

O unico objecto de valor archeologico, encontrado em Silvares, e existente no museu de Guimarães, é um pequeno machado de pedra, offerecido pelo sr. Albano Bellino, e por elle descoberto na posse d'um caseiro seu, que o encontrou n'um campo da propriedade, que traz de renda, chamada Riba d'Ave. Não lhe ligava valor algum, porque não via n'elle um amuleto contra o raio; o mesmo succede no nosso concelho e nas partes do Minho, que tenho percorrido, com excepções muito raras.

¹ Veja-se a obra d'este sabio intitulada — *Le signe de la croix avant le Christianism*.

² É tambem conhecido pelo nome do Senhor do Padrão, e parece que alguma gente de Silvares só por este o conhece: falta-lhe a sciencia do meu decrepito informador.

Em Silvares a unica lenda mourisca do meu conhecimento tem por theatro um campo, tambem proximo do rio Ave, o campo da Afilada, que faz parte d'uma propriedade, cujo nome desconheço. É identica á que já contei, fallando de Santo Adrião de Vizella, e que havemos de encontrar ainda repetida em S. Salvador de Donim. Trata-se d'uma pedra pouco vulgar, que andava aos tombos n'uma veiga, e com a qual os lavradores costumavam carregar a grade para alisar a terra, revolta pela relha. Questiona-se sobre se a pedra ha de ser aproveitada por Sancho ou por Martinho, e um terceiro, para cortar pela raiz uma rixa, que se repete quasi todos os annos, pega n'ella e atira-a ao rio. Começam as maravilhas. A pedra, em vez de ir ao fundo, entrou a fluctuar á tona d'agua, como se fôra uma boia de cortiça; abriu-se e deixou sahir de dentro uma formosa moça, uma moura, está visto, que se sentou commodamente em cima d'ella. Em Donim sabe-se que a moura se pôz a pentear os cabellos, dizendo muito contente que ia para a sua terra, e que seguira rio abaixo. O narrador de Silvares não sabia se ella se penteava, nem o que dizia, apesar de ser tão consciencioso, que confessava não estar bem certo se a formosa rapariga ia pelo rio abaixo ou pelo rio acima — o que não deve causar espanto a ninguem, sabendo que se trata de coisas encantadas. Em todo o caso, as mouras do Ave são mais patriotas, que a de Vizella, porque esta, como já vimos, trocou a sua terra pela nossa.

Na extremidade septentrional de Silvares ha um ponto, o angulo norte na entrada da quinta do Paço, em que esta freguezia se toca com a de Santa Eulalia de Fermentões e com a de S. João de Ponte. Alli existe uma mina cheia de grandes riquezas, como consta do seguinte oraculo: «Antre Silvares, Santa Ulaia de Fermentão e S. João 'stá um dornão; procurem a mina, que o acharão».

Santa Eulalia de Fermentões. — O dornão foi procurado, e não ha muitos annos ¹, no terreno pertencente a Fermentões, mas os escavadores, chegando a certa profundidade, largaram a fugir, á vista d'uma grande multidão de cobras, que surdiam das entranhas da cova. Aqui temos os thesouros mouriscos guardados por serpentes, não podendo haver duvida ácerca da verdadeira natureza d'estas sentinellas do dornão; por-

¹ Noticia colhida em 88.

que mais tarde uma mulher, passando por aquelle mesmo sítio, viu uma cobra em dezembro, e uma cobra em dezembro é sem discussão possível uma moura encantada. Deve prevê-se, pelos commentarios antecedentemente feitos, que alguns vestígios de antiguidades ha de haver no ponto, em que coincidem os limites das tres freguezias. Effectivamente assim é; tanto no angulo norte da entrada do Paço, como fóra, nos terrenos contíguos, norte e poente, principalmente na bouca de Sezite, são innumeraveis os fragmentos de telha com rebordo pela superficie do sólo, e não se arranca um carvalho, sem os pôr a descoberto. N'uma pequena escavação, que me deixaram alli fazer, encontrei-os em abundancia misturados com alguns cacos de louça, um fragmento de vidro e um instrumento de pedra polida, negra, que serviu certamente de percutor. A tradição corrente é que houve aqui uma « villa velha », do nome de Villa Gós. Não ha razão alguma para duvidar d'esta noticia; mas o que se vê então é que a villa foi completamente destruida, porque hoje aquelle sítio é pouco menos de deserto. A pouca distancia, para poente, na baixa, fica o logar de S. Caetano com a sua respectiva capella e um bom numero de casas agrupadas, sendo bem possível que os seus primeiros habitantes mudassem os seus lares da « villa velha » para aqui, por motivos desconhecidos. A subida de S. Caetano para as ruinas é um pouco ingreme; estas ficam n'uma pequena dobra do monte de Santa Eulalia, para poente, a mais de meia costa, e tenho por muito provavel que a antiga villa se constituisse, n'uma certa época, com a maioria da população, que antes d'isso possuia na corôa do monte o seu logar de refugio. Certo é que a corôa do monte de Santa Eulalia, ou Ulaia, adoptando a fórma do nome corrente entre os aldeões, foi um antigo castro. Escusado procurar hoje os restos das suas muralhas: a facilidade de lhes saquear as pedras explica tudo; mas do lado do nascente é ainda muito visivel um extenso patamar, que bem se conhece ter sido em tempos amparado por um muro de suporte, provavelmente coroado por um parapeito. Fragmentos de telha romana e de louça antiga tambem se encontram a miudo, tanto no alto, como nas suas vertentes, principalmente na oriental, que vem morrer no Selho, e na occidental, que desce para Villa Gós e S. Caetano ¹. Para o lado do sul,

¹ O monte desce tambem para norte e para sul; pôde dizer-se isolado.

a uns 500 metros do marco geodesico, que encima o monte, ha umas cinco *covinhas* n'uma pequena lage de granito grosso. Que os mouros habitaram no alto é coisa certa. Para prova basta um penedo cheio de incalculaveis riquezas, que lá se encontra. Ninguem se atreve a quebral-o para desentranhar o thesouro, porque o precioso penedo está a par d'um outro cheio de peste, e um equivoco daria em resultado o desencadeamento d'uma peste geral; não é preciso dizer mais nada. Eu tenho, pois, por certo, repito, que a corôa do monte foi um lugar de refugio para a população das suas cercanias, e por muito provavel que na época romana se formasse em Villa Cós uma povoação de certa importancia, que melhor substituiu um centro de vida social, antes d'isso fixado dentro das muralhas do castro. A insignificante escavação que fiz, como já disse, nas ruínas deixou-me a impressão de que um trabalho methodico daria algumas surpresas e lançaria não pouca luz sobre estas antigas povoações, que formam a transição da época romana para a época barbara. Infelizmente tal trabalho não se fará, pelo menos não se fará no nosso tempo; e eu tenho de limitar-me a dar conta das informações que recolhi, e ficam expostas, e de algumas outras, que vão vêr-se e prometiam muito, acabando por dar pouco menos de nada. Assim, entre as antigualhas desenterradas na bouça de Sezite, ao arrancar um carvalho, appareceria uma «cara de pedra». Nomearam-me uma mulher, que a levára para casa, por lhe achar graça, e ainda a conservava; não pôz duvida em m'a ceder, mas depois de a buscar e rebuscar n'um quinteiro, onde andára aos trambolhões, segundo dizia, não lhe foi possível encontral-a, nem explicar o seu desaparecimento. Asseverou, porém, que a pedra não era uma cara; tinha o feitio d'uma pyramide com algumas letras¹. N'uma outra bouça, contigua á de Sezite, affirmava um lavrador ter existido um penedo com letras, que fôra quebrado quasi á sua vista. Para me consolar da contrariedade, que esta perda me causava, prometeu mostrar-me um segundo penedo com letras, perto da casa do Paço, quasi a meia costa do monte. Lá fômos, procurando o caseiro da quinta, no intento de o aggregar á nossa expedição, como mais práctico da localidade; mas o práctico de-

¹ Pouco antes tinham-me dado um fragmento de pedra triangular, com uma ornamentação insignificante, encontrada no mesmo sitio que a supposta cara, e fiquei desconfiado de que ambas as pedras fossem uma e a mesma.

clarou que nunca tinha ouvido fallar de tal penedo com letras; de antigualhas por aquelles sitios só conhecia o pé d'um moinho de mão, que encontrára perto de Villa Cós e me mostrou no terreiro da casa. Como não é raro ouvir um analphabeto chamar letras ás gravuras em penedos e lages, interroguei-o n'este sentido sem poder apurar nada. É muito possível, porém, que os penedos com letras, de que fallava o meu ciceroni, fossem realmente penedos com gravuras, que os pedreiros destruissem, sem poder destruir a tradição, que os considerava como mouriscos, em vista de laes gravuras.

Aqui está o que pude colligir digno de escripta nas investigações, que fiz pela freguezia de Santa Eulalia. É pouco para a importância que eu imagino ter tido o castro, que a dominava; e o que posso affirmar é que em nenhuma outra freguezia, como n'esta, encontrei tantos fragmentos dispersos de telha de rebordo. Seria avultada a lista dos logares, onde achei estes eternos testemunhos da época romana, quer no castro e em todos os seus arredores, quer na parte da freguezia para aquem do Selho. Similhante trabalho enfastiaria os leitores, sem nada lhes interessar.

S. João de Ponte. — Comecemos pela ponte sobre o Ave, que deu o nome á freguezia. Segundo a tradição popular, reproduzida por um rapazito de treze annos, creado n'uma casa proxima, e que allí encontrei uma vez, a ponte de S. João é do tempo do diluvio. Não se póde attestar mais desenganadamente a sua alta antiguidade. E realmente não é ella pouca; mas bastará que nos remontemos ao tempo da dominação romana. De facto, a pequena ponte de S. João é uma construcção genuinamente romana, e excellentemente conservada, graças á solidez dos seus alicerces, que são nada menos que rochedos de rijo granito, e ainda para mais com a corôa fóra do lume d'agua, salvo nas grandes cheias ¹. O que me levou allí, quando encontrei o rapaz, que me sahio um ciceroni de primeira ordem, foi o desejo de aclarar alguns enigmas, com que me aturdiram certos informadores distantes, dizendo-me que n'um dos pegões da ponte se viam umas cavidades, nas quaes, segundo uns, tinha apparecido uma Senhora, segundo outros, um Senhor com os braços abertos. As cavidades descobri eu

¹ Ignoro se depois da construcção da fabrica de Campelos succederá o mesmo.

logo. A superfície do penedo, d'onde arranca um dos arcos da ponte, excede muitos palmos o prumo da alvenaria, tanto pelo norte, como pelo sul, e em ambos os planos ha sulcos de mais d'um palmo de largo e outro tanto de fundo, sem poder comprehender-se bem o prestimo d'aquelle trabalho. Do lado do norte, os sulcos são apenas dois, tendo a fôrma approximada d'um T gigantesco. Foi alli, dizia-me o rapaz, que tinha apparecido — uma Senhora? ou o Senhor de Campos? — d'isso é que não havia a certeza. Mas, logo a seguir, contava-me a seguinte lenda, que favoreceria mais a primeira hypothese, se não fosse certo que d'esta vez a imaginação popular abusava em extremo da liberdade poetica, que aliás lhe é habitual. Eis a lenda: pouco abaixo da ponte, na margem direita do rio, brotam duas fontes, a ultima das quaes, a do Ganso, não cresce nem minga, quer seja verão, quer inverno. A alguma distancia d'ella, em tempos antigos, uma mulher da freguezia estava de guarda a uns touros, fiando ao mesmo tempo na sua roca, quando viu uma desconhecida apparecer perto da fonte, approximar-se-lhe e pedir-lhe que lhe emprestasse os touros e lhe arranjasse um carro que a levasse á igreja. A fiandeira respondeu-lhe que era facil arranjar o carro; quanto aos touros, emprestar lh'os emprestava ella, mas que ninguem seria capaz de os appôr ao carro, tal era a sua braveza. Tornou-lhe a desconhecida que viesse o carro; o resto ficava por sua conta. Veio o carro, e com um fio de linho, que pediu á dona dos touros e atou nas gaitas dos animaes, a mysteriosa mulher jungiu-os ao carro, sem que elles offercessem a menor resistencia, e lá foi para a igreja. Era Nossa Senhora; mas o que tambem se não sabia com certeza, observava o rapazito, é se a Senhora é uma que está na igreja, se outra que está em Braga. Eu do mesmo modo não sei que conjecturas deva fazer sobre a origem de todas estas historietas. Um ponto para mim certo é que o empenho de explicar o prestimo dos inexplicaveis rebaixes do penedo foi um dos principaes factores de taes phantasias. Se o grupo de sulcos, que mais chama a attenção do povo, não desenhasse, como vimos, a fôrma d'um T, de certo não teriamos a versão que nos representa a estatua com os braços abertos. É d'ahi que veio a ideia de a identificar com a do Senhor de Campos, cuja capella fica a pouca distancia? É provavel; mas apesar d'esta particularidade, vê-se que similhante versão não pôde crear raizes, pois que se hesita se a estatua era d'um Senhor ou d'uma Senhora, e foi innegavelmente vencida pela lenda

da Senhora que domou os touros bravos. Deixemos, porém, o embrulhado incidente. Contava o meu juvenil informador que não faltava quem viesse alli á ponte esconjurar o diabo. Se a tradição diluviana não estivesse estabelecida tão firmemente, é bem possível que a construcção da nossa ponte fosse attribuida ao diabo, como a de Mem Guterres, a ultima para as nascentes do Ave, ou aos mouros, como a de Caldellas sobre o Homem. Esta segunda supposição deve admirar pouco, sabido que os mouros ainda habitam por aqui, como se prova pela moura, que falla dentro da ermida de Campelos.

Afóra esta curiosidade, nada sei da ermida, que valha a pena mencionar-se, e creio que os prégadores, que vão orar á festa do Senhor, não estão mais adiantados. Um d'elles, contava-me o saudoso medico Souto, para encarecer a sua antiguidade, procurava um argumento no texto do Evangelho: «Et stetit Jesus in loco campestri», traduzindo: «E o Senhor parou no lugar de Campelos». Eu apenas sei que por aquelle sitio alguma telha romana se encontra; mas é quasi certo que a capella actual não substituiu outra mais antiga ¹. Pela frente d'ella passava a antiga estrada de Braga, com ponto forçado pela ponte de S. João. Ainda ha gente que se lembra d'ella ². Era mais plana que a da Falperra, dizia-me uma mulher de Villa Nova de Sande, mas nunca tinha fim. Adiante de Campelos, parece que se bifurcava; um dos braços torneava o monte de Santa Eulalia pelo norte, outro pelo sul. Antes de chegar á esta bifurcação, á direita, encontra-se uma mamoa, já completamente saqueada, mas tendo um grande valor, como todos os monumentos d'esta especie. Fica ainda no monte de Campelos. Para acabar com o monte e com a ponte, resta-me dizer que entre esta e a capella foi encontrada, quando se trabalhava na obra da fabrica de fição, uma moeda d'ouro de Honorio, que o achador offereceu ao museu da Sociedade.

Não conheço outras antiguidades em S. João. Telha romana apparece em varias partes, mas em quantidade apenas n'uns campos proximos da egreja, denunciando talvez a existencia d'uma villa desaparecida.

Não posso deixar esta freguezia, sem dar conta d'uma no-

¹ Affirmam-me que antes da actual capella apenas havia alli um cruzeiro, hoje em parte escondido pelo altar, que tambem esconde uma inscripção gravada na sua base.

² Este apontamento tambem data de 88.

ticia, communicada por um rapazola de Pensello, que uma vez tomei por guia n'uma excursão, que fiz ao monte de S. Thiago, nas faldas do qual elle morava. Perguntando-lhe se conhecia alguns penedos ou lages com gravuras, respondeu-me, depois de comprehender pelas minhas explicações o que eu queria, respondeu-me que uma noite, á luz d'uma chumieira, elle e alguns companheiros tinham visto na freguezia de S. João de Ponte, n'uma lage proxima ao Ave, com a qual hoje não poderia atinar, uma das taes gravuras, que eu desejava conhecer. Desconfiado d'esta descoberta, feita á luz d'uma chumieira, pedi-lhe para me «pintar» o signal gravado na lage, e confesso que fiquei devéras surprehendido, vendo-o riscar no chão com o maior desembaraço um swastika, identico a outro que já tinha visto n'uma lage do monte da Saia. Ora o swastika é uma figura, que se pôde dizer absolutamente desconhecida pelo nosso povo, e não acredito que o acaso se bandeasse com o nosso desenhista para me pregar um logro. Em conclusão, estou muito inclinado a crêr que alguma coisa ha de verdade na noticia do rapaz.

Corvite, Santa Euphemia e Santo Thyrso de Præzius. —

Reuno estas tres freguezias, porque nenhuma conveniencia vejo em as separar; antes pelo contrario. Estendem-se ellas desde S. João de Ponte até o mosteiro de Souto, tomando uma parte da ribeira esquerda do Ave e quasi toda a costa occidental da cordilheira, que discorre entre o Ave e o Selho, e cujo ponto culminante é, na secção que nos occupa, o alto de S. Thiago (já pertencente a l'ensello), coroado por um marco geodesico.

A freguezia de Corvite apenas se assignala, que eu saiba, por haver contribuido para o rol das nossas antiguidades com o unico machado de bronze, que tenho visto com certeza apparecer n'este concelho. Parece que alguns dos nossos caldeireiros têm sido mais felizes; mas, se viram muitos, foi por pouco tempo, porque os fundiram logo. O de Corvite não se salvou d'este desastre, sem deixar dois bocados na forja d'um ferreiro, consultado pelos achadores sobre se era de ouro ou não. Desenganados de que o ouro, com que sonhavam, não passava de cobre e pouco mais, resolveram-se a vendel-o e está hoje no museu de Guimarães. É d'uma só azelha e typo commum. Na pl. LXVII, n.º 685, 686, do *Musée préhistorique*, de Mortillet, podem vêr-se dois dos seus congeneres. Foi encontrado ao quebrar um penedo, e davam a entender os mon-

tantes que estaria n'uma fenda, que elle tinha -- o que é bem possível e não é raro. As tentativas que fiz para obter mais esclarecimentos foram inuteis.

A igreja de Corvite merece algumas palavras. Não sendo muito antiga, porque já não é a primitiva, é ainda assim uma das mais antigas de todo o valle do Ave, pertencente ao nosso concelho, e em todo o caso um curioso typo de egrejelha rural minhota. É pequena e baixa, precedida d'um vestibulo alpendurado, accessivel só por dois lados. O alpendre firma-se em duas columnas grosseiras; mas, como no ponto, em que devia assentar a columna da direita, existia um pequeno penedo que aflorava um pouco acima do nivel do pavimento, achou-se inutil quebral-o para assentar a base das columnas n'um mesmo plano, de sorte que a columna da direita é mais curta que a da esquerda. Toda a construcção revela uma tal pobreza, que, entrando-se n'ella, sente-se uma surpresa agradável, ao encontrar dois altares de talha, que não deixa de ter certo valor; mas sente-se logo em seguida uma impressão muito desagradavel, reparando em que, para ajustar o bordo d'uma taboa de castanho contra os relevos da talha, em vez de recortar a taboa, se rompeu brutalmente pelos relevos a formão e martello. Simplificou-se o trabalho, sem attenção ao prejuizo irreparavel d'uma obra d'arte, que merecia algum respeito. Ainda bem que os altares de talha não foram vendidos, como tem acontecido n'outras parochias. E se as juntas de parochia apenas vendessem a talha das suas egrejas!

Voltemos á nossa descripção. A sul da igreja de Santa Euphemia de Prazins, e a pouca distancia d'ella, no caminho que de S. Claudio do Barco leva a Guimarães, encontram-se muitos fragmentos de telha com rebordo. Já elles não são raros na subida, que começa um pouco adiante da casa de Segade. Estes fragmentos e alguns cacos de louça apparecem principalmente, quando se arranca alguma arvore. Uma mulher da localidade deu-me uma explicação muito satisfatoria d'estas velharias: é que por alli tinha existido nos tempos antigos a «cidade de Santa Uphemia». Particularidades ácerca da extincta cidade, representada hoje por pouco mais de tres casebres, não sabia nenhuma, e de certo as não sabe ninguem. A minha vistoria só pôde inteirar-me de que o povoado devia ter tido uma área de certa extensão, a julgar pela cacaria dispersa aqui e alli na superficie do sólo. Procurei, como sempre, algum outeiro proximo com vestigios mais ou menos apparentes de fortaleza, já se sabe com que fim; mas nenhum

encontrei senão na freguezia visinha de Santo Thyrso de Prazins, n'um promontorio da cordilheira, acima mencionada, e hoje conhecido com o nome de Castro. Tenho por provavel que foi aqui o primeiro assento da communidade, que mais tarde se arrogou o pomposo nome de cidade, se não é que a imaginação do povo elevou a esta categoria alguma villa de excepcional importancia ¹. Temos ainda em Santa Euphemia dois megalithos, a que andam associadas algumas lendas, hoje um pouco obliteradas, a julgar pelo resultado das minhas indagações. Um d'elles é um grupo de penedos, formando uma bonita gruta bastanta espaçosa, e que eu supponho haver sido aproveitada para usos funerarios. Chama-se a « Casa da velha ». Já em Urgeses encontramos o « Penedo da velha »; em Azurei a « Lapa da mulher »; havemos de encontrar em S. Salvador de Souto uma lapa, em tempos remotos habitada por uma freira; o que seja, porém, esta velha, esta mulher anonyma e esta freira é o que me não foi ainda possivel apurar até agora. Segundo um expositor briteirense, os ramos de codeço ², castanheiro que se espetam pelos campos na vespera de S. João, têm a virtude de os proteger contra os maleficios da « velha ». A velha n'este caso é um ser mythologico, confundido com a bruxa ³; mas, se é ou não esta velha, ou alguma sua parente, quem affamou a mysteriosa « casa » de Santa Euphemia, provavelmente nenhum Oedipo o decifrará. O segundo monumento é um penedo que, como o de Santa Eulalia, está cheio de peste. Tem outros ao lado e algum dos seus parceiros devia conter thesouros; como, porém, só elle monopolisou a celebridade, pôde suppôr-se que d'esta vez os thesouros e a peste estão de paredes meias debaixo do mesmo tecto. Em todo o caso, e é isso o importante, subentende-se que os mouros povoaram estes logares, se os não povoam ainda, escondidos á gente de hoje pelo condão da sua invisibilidade.

Mais para o alto salienta-se o Castro, a que já alludi. Dista

¹ Um dos logares da freguezia tem o nome de Cimo de Villa.

² O codeço deve ser preferido pela razão de ter um grande numero de folhas, cuja contagem se torna difficil. A razão da razão não a sabia o meu informador.

³ A bruxa, que tem pacto com o diabo, chupa o sangue das creanças, etc. O povo dá indifferentemente o nome de bruxa a este sêr malefico e á adivinhadeira; mas distingue-as muito bem; será capaz de apedrejar a primeira e de apedrejar em certos casos os que perseguissem a segunda. São realmente entidades muito diversas.

pouco, a norte, da igreja de Santo Thyrso, pelas proximidades da qual se vêem já soltos no sólo muitos restos de telha romana. Pelo poente era, e é, verdadeiramente inacessível; porque d'este lado servia-lhe de muralha um fragão gigantesco, quasi a pique, de muitos metros de altura e muitos mais de extensão, tão gigantesco, que mesmo visto a grande distancia, da outra banda do Ave, se torna imponente pelas suas extraordinarias dimensões. Esta defeza natural foi habilmente aproveitada; das muralhas, que a completavam, nada resta, pelo menos aparentemente. Dentro da sua área, que parece não ter sido larga, são numerosos os fragmentos de telha e de louça; e é muito de crêr que uma exploração em fôrma dêsse resultados interessantes, visto que, não ha muitos annos, uma casual escavação pôz a descoberto, além de muitos cacos e d'uma vasilha inteira de mais que regulares dimensões ¹, uma construcção de pedra, que me descreveram muito confusamente, para que eu possa dar d'ella uma noticia exacta.

Pertence ainda a Santo Thyrso de Prazins o «Penedo dos Casamentos». Encontra-se á esquerda do caminho, que leva de Pensello para o logar do Marco, logar que já vimos figurar n'uma das aneddotas, relativas a S. Torquato. No nosso cotelho não ha outro. Já expliquei o processo de interrogar estes oraculos, quando no primeiro artigo d'estes estudos fallei do penedo casamenteiro, proximo do Senhor dos Perdidos (Felgueiras). O de Prazins tem a superficie em ladeira, mas lá estão ainda algumas pedras a attestar que nem a todos os consulentes sahiu a sorte em branco. O penedo não tem signal ou gravura alguma.

S. Thiago de Pensello. — A pouco mais de dois kilometros do Castro de Prazins, fica o alto de S. Thiago de Pensello, que já disse dominar a cordilheira, limitada ao poente pelo valle do Ave, ao nascente pelo do Selho. A configuração do terreno, combinada com a abundancia de cacos de louça e de telha, que por alli tinha visto, não me deixaram duvida de que existira na corôa do monte um segundo castro, cujas pedras haviam sido saqueadas, como as de tantos outros; e d'esta vez a minha supposição foi positivamente confirmada por um homem das Tappas, que, sem provocação minha, me contou como tinham sido varridos os restos de alicerces de casas e de

¹ Hoje no museu de Guimarães.

muralhas, outr'ora existentes na cumiada da serra, nomeando-me mesmo o proprietario, que se aproveitou da pedraria. Ha portanto certeza plena de que o alto de S. Thiago ¹ foi um lugar de refugio para a população dos seus arredores. Sabemos, porém, que a pouco mais de dois kilometros d'elle ficava o Castro de Prazins; mas a proximidade de dois castros não é rara entre nós ², e tem de certo a sua explicação na densidade da população que os cercava, de par com esse orgulho autonomico, que faz ainda hoje com que muitas freguezias reajam vivamente contra as tentativas d'uma fusão com as vizinhas. Tal é pelo menos a explicação que me namora; e, n'este presuppuesto, o castro de Prazins seria propriedade da gente, que demorava entre o Ave e a meia costa, em grande parte agricultada ³; o castro de Pensello serviria a população do alto, e principalmente a da vertente oriental, que desce para o Selho, e onde fica a igreja parochial.

Riquezas, dizia mais o narrador, não faltavam lá no alto; e só isto bastaria para vêr-se que o considerava como uma estação mourisca; mas tambem n'este particular era elle tão positivo, que se sahíu logo depois com uma tradição, que eu nunca julguei possível: os mouros da Citania eram os mesmos que haviam habitado a fortaleza de Pensello, d'onde tinham fugido por motivos ignorados. Não é facil de perceber, e menos ainda de explicar, como pôde ser engenhada uma semelhante tradição; porque, supposto a Citania fique á vista do desfeito castro de Pensello, tem de permeio o rio e o valle do Ave e alguns kilometros de caminho. Nas horas de ocio, ainda me dei ao trabalho de architectar algumas hypotheses, que podessem servir de ponto de apoio áquella extravagancia, mas todas ellas me sahiram tão pouco viaveis, que não gastarei tempo a especifical-as.

Procurei com alguma diligencia pela espinha da serra e pela encosta sobre o Selho algumas memorias, que podessem ser attribuidas a estes mouros, duplamente mysteriosos, mas

¹ Tambem quasi que não ha vestigios da capella que teve aqui este santo, orago da freguezia.

² Defronte, do outro lado do Ave, estão quasi em linha e a pouca distancia umas das outras as estações de Sabroso, da Citania e de Santa Iria. A distancia ainda mais curta conheço eu no pequeno Valle do Ancora as do Castro de Mouros, da Cidade, Picoto dos Mouros, Santo Amaro e Castro de Riba d' Ancora. Poderia multiplicar os exemplos.

³ Hoje e provavelmente já em antiquissimos tempos.

pouco achei de notavel. A sul do alto, já proximo ao pinheiral de Antemil, — tristemente celebre, em tempos não muito distantes, como uma succursal da Falperra, encontrei um grupo de penedos, formando algumas furnas, onde apanhei uns tres cacos de louça ornamentada, que suppuz serem restos de urnas funerarias. Na encosta virada para Guimarães, a começar de Antemil, deparei em varios pontos com fragmentos de telha de rebordo, mas sempre pouco abundantes. Por fim, na mesma costa, n'um sitio, que uma rapariga me disse, pertencer ao logar do Louredo, descobri um grupo de megalithos, que não posso deixar de descrever, bem que nenhuma noticia e nenhum signal confirmassem a importancia archeologica, que eu lhe quiz imaginar. Sobre um grande penedo, quasi quadrado, assenta um enorme lascão, que o excede uns quatro metros, formando um largo tecto, que pôde abrigar mais d'uma duzia de pessoas. Tudo aquillo é natural; mas, vistos de relance, tanto o lascão, como o penedo que o supporta, parecem afeiçãoados pela mão do homem para um fim determinado. Podia fazer-se d'aquillo uma pequena casa para vivos, ou uma grande casa para mortos; mas, repito, nada me auctorisa a affirmar que tivesse servido para alguma d'estas coisas. Se foi aproveitado para repouso de mortos, o repouso não foi eterno, como desejariam os seus parentes, pois que as proprias cinzas foram dispersadas. Para evitar um desastre da mesma ordem, procura-se remedio na seguinte inscripção, que vem tanto mais a proposito, que se encontra na freguezia de que nos estamos occupando, ao lado d'umas «alminhas»: «Estas almas serão sempre conservadas pelos possuidores da casa de Sapos e nunca sairão d'este terreno para fóra». Quantas recommendações identicas seriam feitas nos tempos passados!

Guimarães — Outubro de 93.

F. MARTINS SARMENTO.

Errata

Na pag. 105 do numero passado lê-se na linha 45: — pag. 255, devendo lêr-se: — pag. 295; na linha 21: — liv. II, III, 7, devendo lêr-se: — liv. III, III, 7.